

Gustavo Nazareno Fábulas em *Exu*

Exu é a divindade das religiões de matriz africana que abre os caminhos. Figura central da narrativa poética de Gustavo Nazareno, o orixá é o grande mensageiro da mitologia iorubá. Guardião dos espaços, é também o interlocutor entre o plano terrestre e o espiritual. Nesse sentido, sua dimensão ganha outros contornos na obra de Nazareno que eleva sua imagem à máxima plasticidade nesse existencial paradoxo. Através de fábulas, o artista move-se entre as linhas dos textos que cria como ponto de partida para as obras produzidas em um estado de meditação e oração.

Exu surge triunfante nos retratos figurativos elaboradas a partir de simbolismos e elementos pontuados nos quadros que compõem esta primeira exposição individual do artista na sede da Gallery1957 em Londres. Envolto a uma trama de beleza, sensualidade e relativo mistério, seja pela sutileza da forma de seus traços ou no contraste opaco dos fundos em tons fortes, *Exu* é representado por Nazareno de forma arrojada. É o oposto de sua habitual ideia negativa perpetuada pelo colonialismo.

Artista brasileiro nascido em uma pequena cidade do estado de Minas Gerais, no Sudeste do país, Gustavo Nazareno desenvolveu suas preciosas técnicas de pintura e desenho em minuciosos estudos da anatomia humana. Ao longo de anos, o artista vai dedicar-se a percorrer as formas humanas e explorar o desenho que pratica desde sua infância. Assim, suas habilidades vão sendo gradativamente desempenhadas em caráter autodidata. Interessado no corpo e em suas múltiplas configurações, seu caráter gestual conforta-se na beleza com que delineia o pincel na superfície em branco.

Em pinturas que contrastam o clássico dos cânones renascentistas às novas vanguardas contemporâneas, Nazareno explora a figura multifacetada de *Exu* que encara seu espectador. Os retratos em óleo saltam aos olhos em cores hermeticamente pensadas na composição que toma o quadro com altivez e delicadeza ao mesmo tempo. Seja no pescoço alongado que repousa a cabeça de sua figura, como na obra *A Oferenda* que abre esta mostra, ou na leveza da mão de outros personagens pintados, somos convidados a percorrer nosso olhar pela imagem, descobrindo novas formas, gestos, texturas e cores.

Nos desenhos em carvão da série *Gira* que ocupa uma das salas deste espaço, *Exu* dança sobre o papel em movimentos embebidos de referências à cultura *queer* e à fotografia de moda. O trabalho elegante das silhuetas, por sua vez, é repleto de significados que exploram suas lembranças de infância, sendo esses alguns dos temas do imaginário do artista. Sombras, contrastes, contornos e tons neutros são milimetricamente compostos nessa série que alçou sua carreira em ascensão. Assim como a dualidade é recorrente em *Exu*, nestes desenhos o claro e o escuro, a noite e o dia, a luz e a sombra, o humano e o metamorfo, o masculino e o feminino, ou a fusão desses dois, compõem a narrativa visual que aufere outra magnitude no contexto pictórico e imagético.

Durante o processo de produção para esta exposição, Nazareno vai experimentando e aprofundando outras técnicas. No lugar do pincel, seus dedos encontram-se com a matéria, demonstrando controle da gestualidade. Dedilhando por entre os fundos opacos das pinturas, o toque emerge no quadro que revela a marca desses atos. Noutro momento, o pó do carvão borra os limites da figuração nos desenhos de perfis.

Essa figura negra surge do diálogo entre a Diáspora Africana e o panteão de orixás Iorubá nas religiões afro-brasileiras *Candomblé* e *Umbanda*. A cultura afro-religiosa é gravada nas telas por meio de figuras que utilizam de um tom de pele muito específico desenvolvido por Nazareno, aspecto comum de sua obra. Sua própria visão do orixá *Exu*, divindade híbrida que transita entre tudo e todos, nos transmite uma ideia da iminência de algo oculto.

Nesta metáfora do *Hermes africano* que simboliza a cultura negra, *Exu* é uma força dinâmica na obra de Gustavo Nazareno. Desmedido, é a própria potência da vida. Em um atual contexto adverso sem precedentes, é no limiar do caminho que a mudança é passível de acontecer. Nessa via entre o divino e o humano, o artista subverte a imagem de *Exu* a partir da representação do negro tomada por uma alegoria harmoniosa do belo, do sensível e do poder da realização. É *Exu* em sua melhor forma.

Deri Andrade

Curador